



## O FUTEBOL VISTO DA ACADEMIA

### ENTREVISTA COM ELCIO CORNELSEN E SILVIO RICARDO

**Marcelino Rodrigues da Silva\***

\* lino-rodrigues@uol.com.br  
Doutor em Estudos Literários pela UFMG (2003) e pós-doutor em Estudos Culturais pelo PACC/UFRJ (2009). Professor Associado II da FALE/UFMG, atuando na área de Teoria da Literatura, diretor do Centro de Estudos Literários e Culturais/Acervos de Escritores Mineiros e pesquisador do FULIA e do NEAEM (Núcleo de Estudos dos Acervos de Escritores Mineiros). Autor, entre outros, do livro *Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mário Filho* (Ed. UFMG, 2006).

SILVIO RICARDO DA SILVA E ELCIO CORNELSEN SÃO, RESPECTIVAMENTE, OS COORDENADORES DO GRUPO DE ESTUDOS SOBRE FUTEBOL E TORCIDAS (GEFUT) E DO NÚCLEO DE ESTUDOS SOBRE FUTEBOL, LINGUAGEM E ARTES (FULIA), DOIS GRUPOS DE PESQUISA SEDIADOS NA UFMG, PROVAVELMENTE OS ÚNICOS VOLTADOS PARA O FUTEBOL EM MINAS GERAIS NOS DIAS ATUAIS. ESTÃO NA LINHA DE FRENTE DA PRODUÇÃO ACADÊMICA MINEIRA SOBRE ESSE TEMA QUE, NAS ÚLTIMAS DÉCADAS, PASSOU A SER MAIS VALORIZADO PELOS INTELLECTUAIS E PELA UNIVERSIDADE. EMBO- RA ESTEJAM LIGADOS A DUAS ÁREAS APARENTEMENTE MUITO DISTINTAS (O GEFUT VEM DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL, ENQUANTO O FULIA FOI FORMADO NA FACULDADE DE LETRAS), OS DOIS GRUPOS ATUAM FREQUENTEMENTE EM PARCERIA, REEDITANDO UMA TABELINHA ENTRE O FUTEBOL E AS LETRAS QUE JÁ TEM UMA BOA HISTÓRIA

NO BRASIL. VAMOS, ENTÃO, BATER UM PAPO COM OS DOIS PROFESSORES, PARA SABERMOS A QUANTAS ANDA A PESQUISA ACADÊMICA SOBRE O FUTEBOL NO BRASIL E EM MINAS GERAIS.

\*

COMO É O TRABALHO DOS GRUPOS DE PESQUISA QUE VOCÊS LIDERAM? SÃO OS ÚNICOS GRUPOS DE PESQUISA ACADÊMICA SOBRE O FUTEBOL EM MINAS GERAIS? E NO BRASIL, QUAIS SÃO OS GRUPOS MAIS RELEVANTES?

Elcio: A atuação do FULIA é bem ampla e adequada ao perfil do universo acadêmico, uma vez que atende às três tarefas primordiais: ensino, pesquisa e extensão. Os professores

do FULIA têm proporcionado uma oferta regular de disciplinas para a Graduação e para a Pós-Graduação. Além disso, conta com pesquisadores nos mais diversos níveis, que atuam nas áreas de Linguística e Literatura. O resultado dessas atividades é um número significativo de publicações. O âmbito da extensão é contemplado nos trabalhos do FULIA através da organização de congressos, palestras e mostras de cinema, que procuram levar o conhecimento sobre o futebol na área de Letras e Artes para além dos muros da universidade. Até onde é de meu conhecimento, o GEFuT e o FULIA são os únicos grupos de pesquisa que lidam com a temática do futebol em universidades mineiras. Especificamente falando do FULIA, o grupo permanece sendo o único na área de Linguística, Letras e Artes, registrado no CNPq. No âmbito brasileiro, há vários grupos de pesquisa a serem destacados. Um trabalho pioneiro foi desempenhado pelo Núcleo de Estudos de Sociologia do Futebol, do Departamento de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UERJ. Fundado em 1990, esse grupo tornou-se um verdadeiro celeiro de estudos relevantes que envolvem as áreas de Sociologia, Antropologia, Letras, Comunicação Social, Educação Física e Psicologia. Além disso, nota-se que há um número considerável de núcleos e grupos de pesquisa que estudam aspectos ligados ao futebol, a maioria atuando na área de Educação Física. No campo das Ciências Humanas e Sociais, destacam-se o

Grupo de Estudos e Pesquisa de Futebol, na Unicamp, o GIEF – Grupo Interdisciplinar de Estudos sobre Futebol, na USP, o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Sociologia do Futebol, na UFPE, e o grupo de pesquisa História e Memória do Futebol, na UFC. Cabe, também, um destaque especial ao LUDENS – Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Futebol e Modalidades Lúdicas, criado em 2010 na USP, que reúne pesquisadores de diversas instituições nacionais e internacionais, além do trabalho conjunto com o Museu do Futebol, de São Paulo. Os núcleos de pesquisa que trabalham de maneira transdisciplinar, em geral, contemplam as áreas de Antropologia, Sociologia, Educação Física, Geografia, História e Comunicação Social. Cabe um destaque também à atuação do NEPESS - Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Esporte e Sociedade, criado em 2005 na UFF - Universidade Federal Fluminense, em Niterói.

Silvio: O GEFuT surgiu em 2006. Houve uma demanda do Ministério do Esporte para que algumas universidades fizessem a aplicação de um formulário e algumas averiguações nos estádios de suas cidades, com objetivo de acompanhar como estava acontecendo o cumprimento do Estatuto de Defesa do Torcedor. Pela minha ligação com o futebol, fui contatado pelos colegas que faziam parte da REDE CEDES e assumi a tarefa. Convidei dois estudantes para serem

bolsistas e a partir daí vimos a necessidade de agregarmos outras pessoas ao grupo e de encontros semanais para estudos. O que iniciou apenas como um grupo cumpridor de uma demanda específica passou paulatinamente a assumir outras tarefas. Entre elas estão dois projetos de extensão. O primeiro, intitulado *Educação para/pelo futebol enquanto uma manifestação do lazer: o torcer em Belo Horizonte*. Realizamos em escolas públicas e privadas do ensino fundamental e médio de BH uma série de intervenções focadas na formação de alunos e professores na educação para e pelo futebol. Temos também o programa de rádio “Óbvio Ululante” na Rádio UFMG Educativa. Partimos do pressuposto que não há verdade absoluta em nada no futebol. Assim, esse programa tem o intuito de discutir os acontecimentos do mundo da bola de forma crítica e questionadora. Além disso, participamos de eventos acadêmicos e também organizamos eventos que tratam da temática do futebol. As pesquisas acontecem coletivamente e individualmente, nos trabalhos de Graduação e Pós-Graduação. Na medida do possível buscamos socializar esses conhecimentos através de publicações. Desenvolvemos também ações de ensino, através do oferecimento de disciplinas na Graduação no curso de Educação Física e no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da UFMG. Sobre os Grupos de Pesquisa, entendo que o Elcio respondeu muito bem. Aqui em Minas existem outros grupos que estudam o futebol, mas não são

exclusivos sobre futebol. É o caso de um grupo da matemática que faz prognósticos estatísticos sobre o Campeonato Brasileiro. Há também um grupo na PUC, que tem trabalhos sobre futebol, mas não é específico. Em âmbito nacional, há um grande número de grupos, conforme foi levantado pelo Elcio, mas tenho notícias de que não são muitos os que se mantêm atuando.

PODEMOS VER, ENTÃO, QUE EXISTE HOJE NO BRASIL UM BOM NÚMERO DE PESQUISADORES TRABALHANDO COM O FUTEBOL. MAS PARECE QUE, NO PASSADO, NÃO FOI BEM ASSIM.

Elcio: De fato, a pesquisa acadêmica sobre o futebol no Brasil contou com poucas, mas significativas contribuições antes de 1970. Não podemos nos esquecer de nomes como Thomas Mazzoni no final dos anos 1930 e 1940, ou mesmo de Mário Filho entre as décadas de 1940 e 1960, assim como de Milton Petrosa no final da década de 1960. Todavia, a década de 1970 é decisiva para a chamada “virada cultural”, à qual nem o futebol, nem a academia puderam ficar imunes. Mesmo no contexto ditatorial, onde o futebol praticamente ficou preso a duas camisas de força – uma que o atrelava ao nacionalismo barato, e outra que o encerrava na pecha de “ópio do povo”, aos poucos, foi sendo descoberto por aqueles que, a partir de um viés sociocultural e histórico, se interessaram por esse que é tido como o esporte preferido do brasileiro. Desde então, tem havido significativos avanços

nos mais diversos campos do conhecimento: Antropologia, Sociologia, Educação Física, História. Recentemente, realizei uma pesquisa no âmbito dos Estudos Organizacionais, uma das áreas da Administração, e constatei que o futebol, cada vez mais, tem se tornado objeto de estudo, sobretudo quanto à gestão empresarial de clubes, ou mesmo sobre marketing esportivo. Outras áreas também começam a despontar como espaços privilegiados para se estudar o futebol. Aqui, me refiro às pesquisas nas áreas de Letras, Linguística e Artes, que ainda não atingiram o mesmo patamar das demais em termos de produtividade, mas, pelo menos, cada vez mais, reconhece o futebol, por sua importância como fenômeno cultural, como um objeto digno de ser estudado.

Silvio: Verdade, a academia brasileira resistiu muito em trabalhar com temáticas “menos sérias”. Vemos até hoje um certo preconceito. Eu, que sou ligado a um Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, ainda percebo uma dose de chacota sobre nosso objeto de estudo. São poucos os estudos antes dos anos 70, conforme apontado pelo Elcio. O primeiro trabalho de pesquisa que eu tive contato foi no final de 80. O autor era o Benedito Tadeu Cesar, que fez um belo estudo sobre a Gaviões da Fiel. A obra *Universo do Futebol*, publicada em 1982, foi muito importante, pois foi organizada pelo Roberto DaMatta

e trouxe vários pesquisadores de um importante centro de pesquisa, o Museu Nacional. Podemos ver até hoje uma hegemonia nos estudos sobre futebol por parte das ciências sociais e humanas. Mais especificamente na Educação Física, a resistência sempre foi muito grande. Sua histórica relação com as ciências biológicas e com um determinado modo de fazer pesquisa inibiu a produção de pesquisas qualitativas sobre futebol. Temos pouco espaço para produção de pesquisa sobre futebol na perspectiva sociocultural e histórica. Para se ter uma ideia, são poucos os pesquisadores da Educação Física que estruturam grupos de pesquisa sobre futebol. Para ser sincero, além do GEFuT eu me lembro do grupo de Luiz Carlos Rigo, que é também formado em Educação Física e atua em um curso de Pós-Graduação da área, na UFPel. Na maioria dos casos em que temos a participação de pessoas da Educação Física, são em grupos interdisciplinares, cuja liderança pertence a pessoas das ciências sociais. Espero que a interdisciplinaridade esteja cada vez mais presente na Universidade Brasileira e conseqüentemente nos estudos sobre futebol.

NOS DIAS DE HOJE, QUAIS SÃO OS ASPECTOS QUE, DO PONTO DE VISTA DE VOCÊS, MERECEM MAIOR ATENÇÃO DOS PESQUISADORES DO FUTEBOL? VOCÊS ACHAM QUE AS MANIFESTAÇÕES QUE VIMOS NA ÉPOCA DA COPA DAS CONFEDERAÇÕES ALTERAM ESSA PAUTA?

Elcio: Desde 2011, quando comecei a ministrar disciplinas que contemplam o tema do futebol nos mais diversos enfoques – associado ao cinema, à música, à literatura e à linguagem em geral –, tenho notado que há certa demanda de interesse pelos alunos que pode ser explorada em termos de pesquisa. Particularmente, me agrada uma abordagem sociológica do futebol – e também da literatura. Cada vez mais me convenço de que falar de futebol é falar da sociedade brasileira, tanto no que ela tem de criativa, quanto naquilo que compromete uma conformação social justa. No nosso campo específico, eu penso que as pesquisas deveriam, justamente, colaborar para que o futebol deixasse de ser um objeto “estranho” às Letras, e conquistasse o seu espaço dentro do leque de elementos da chamada “cultura popular”, como o carnaval, o rap, o hip-hop, o cordel etc. Certa vez, você mencionou, de modo apropriado, que ocorre a multiplicação de determinados lugares comuns na história do futebol no Brasil, sem que os pesquisadores se dirijam às fontes para verificar se, de fato, essas informações procedem. Nesse sentido, seria importante uma volta às fontes, que demanda o trabalho de arquivo. Quanto à possível mudança de pauta em virtude das manifestações de junho de 2013, é difícil arriscar um prognóstico. Só o tempo dirá que proporções novas manifestações poderão tomar, que venham a alterar a pauta relacionada com o futebol.

Silvio: Penso que as pesquisas sobre o futebol vêm se qualificando ao longo dos tempos. As pesquisas têm aparecido de forma multidisciplinar. Todavia, temos que avançar para a interdisciplinaridade. O relacionamento entre os diversos campos da ciência é fundamental. Trabalhos históricos, sociológicos, antropológicos, biológicos, econômicos, urbanísticos, literários etc. devem dialogar. Não devemos cair no equívoco de nos fecharmos nas nossas teorias de domínio e fazermos pesquisas isoladas de relações outras, que nos ajudam a ver melhor as questões que pesquisamos. Outro aspecto a se pensar é a descentralização geográfica e temática dos estudos sobre o futebol. É importante termos pesquisas em regiões menos tradicionais na pesquisa sobre futebol, como o Norte, o Nordeste, o Centro-oeste. No que se refere aos temas, há de se pensar em estudos diversos, para além dos tradicionalmente pesquisados, como exemplo o futebol de várzea, o futebol eletrônico, entre outros. No que diz respeito às manifestações, penso que, como qualquer fato social, elas podem influenciar na pauta, mas não dar diretriz. O futebol é muito maior do que um momento político específico.

NO ANO PASSADO, O GEFUT E O FULIA ORGANIZARAM UM EVENTO BEM INTERESSANTE. VOCÊS PODEM FALAR UM POUCO SOBRE COMO FOI ESSE TRABALHO?

Elcio: O I Simpósio Internacional sobre Futebol, Linguagem, Artes, Cultura e Lazer reuniu pesquisadores,

professores e estudantes em torno da reflexão e do debate sobre uma abordagem transdisciplinar do tema do futebol nas mais diversas áreas do conhecimento: Letras, Linguística, Artes, Educação Física, História, Sociologia, Antropologia, e Comunicação; recorrendo, para isso, a especialistas de reconhecido saber, entre outros, Richard Giulianotti (Loughborough Univ., Inglaterra), Detlev Claussen (Univ. Hannover, Alemanha), Pablo Alabarces (Univ. de Buenos Aires, Argentina), e Samuel Martínez (Universidad Iberoamericana, Ciudad de México). Além disso, o Simpósio contou também com as palestras de docentes e pesquisadores de várias partes do Brasil. Entre outros, tivemos a presença de Arlei Damo, Flávio de Campos, Bernardo Buarque de Hollanda, Luiz Carlos Rigo e Victor Andrade de Melo. Contamos também com a participação do jornalista e escritor Renato Pompeu, um dos principais nomes da literatura brasileira que contemplaram o futebol em suas obras, com destaque para o romance *A saída do primeiro tempo* (Alfa-omega, 1978), o conto “Memórias de uma bola de futebol” (Escrituras, 2002) e a biografia *Canhoto: o homem que driblou a glória* (Ediouro, 2003). Falecido recentemente, o escritor, que se dizia “filósofo do futebol”, deixou muita saudade para aqueles que ainda aguardam mais obras literárias que destaquem o futebol. A organização conjunta do Simpósio foi fruto do profícuo diálogo existente entre pesquisadores vinculados ao GEFuT e ao FULIA, diálogo

este que nos últimos anos tem se concretizado em atividades como eventos, publicações e palestras. Além disso, a interlocução que ambos têm estabelecido com estudiosos de universidades brasileiras e estrangeiras contribui para a consolidação desse campo de estudos em nossas universidades, para o projeto de internacionalização das instituições de ensino superior brasileiras e para a ampliação da visibilidade do FULIA e do GEFuT.

ESTAMOS NA ERA DO FUTEBOL GLOBALIZADO, DOS SUPER TIMES E DAS GRANDES ESTRELAS INTERNACIONAIS. ENQUANTO ISSO, O BRASIL VIVE DE FORMA CONTRADITÓRIA A EXPECTATIVA DA COPA DO MUNDO, MISTURANDO CRÍTICA POLÍTICA E SOCIAL COM O DESEJO DE REVIVER AS EMOÇÕES QUE FIZERAM DE NÓS O “PAÍS DO FUTEBOL”. COMO VOCÊS ENXERGAM O FUTURO DO FUTEBOL, NO BRASIL E NO MUNDO? SERÁ QUE ESTAMOS CAMINHANDO PARA UM TEMPO EM QUE O FUTEBOL ESPETÁCULO VAI SE DIVORCIAR COMPLETAMENTE DO UNIVERSO DAS PEQUENAS LIGAS E CLUBES, DOS CAMPOS DE VÁRZEA E DAS PELADAS E DAS IDENTIFICAÇÕES LOCAIS, REGIONAIS E NACIONAIS?

Silvio: Primeiramente quero fazer menção à pergunta anterior, muito bem respondida pelo Elcio. O único adendo que eu gostaria de fazer refere-se ao fato de que esse evento reforça a ideia de que se faz pesquisa sobre futebol em Minas Gerais e que estamos em condições de dialogar com qualquer outro centro de estudo sobre futebol. Quanto à última pergunta, é difícil o exercício de futurologia. Mas, realmente, os

fatos nos mostram que há, por parte daqueles que administram o futebol, uma ideia de espetacularizá-lo cada vez mais, tornando-o nada mais do que um produto, onde um dia um jogador joga com uma camisa e no outro veste a do arquirival, onde a torcida de futebol deve se comportar como outro qualquer consumidor de outro espetáculo artístico, onde a paixão cede lugar para a razão e para o poder de consumo. Já temos, inclusive, o absurdo de clubes mudarem de nome e cidade, como foi o caso do Ipatinga, deixando a sua torcida órfã. Eu espero que o torcedor brasileiro perceba que não pode se dissociar do universo das pequenas ligas e clubes, dos campos de várzea e das peladas e das identificações locais, regionais e nacionais. Esse universo popularizou o futebol, deu a ele o diferencial dos outros esportes, trouxe a paixão. O futebol globalizado não nos pertence, não tem a ver com a nossa cultura. Temos usado o futebol globalizado como referência para nossa administração futebolística e isso a meu ver é um equívoco. As pesquisas do GEFuT indicam que o torcedor, pós reforma do Mineirão, passou a ir aos estádios de maneira mais esporádica. Isso não cria vínculos, não forma o novo torcedor. O que traz a paixão, o vínculo, o pertencimento é a presença constante no estádio. Hoje é muito caro o pai levar seu filho ou filha em todos os jogos. Existem muitas opções de lazer para um jovem e ele só fará a opção pelo futebol se tiver paixão, vínculo, pertencimento. Eu não assisto a nenhum jogo internacional. Não vejo graça,

não me diz nada. Todavia, não deixo de assistir ao velho e bom campeonato carioca. Ele me diz respeito, fala da minha cultura, da minha história. Ali eu pertença. Essa postura é também uma posição política, pois vejo com desagrado esse paparrico ao futebol globalizado. Aqueles que têm ganhado dinheiro com futebol, os empresários, os dirigentes, a mídia etc., não respeitam a paixão do torcedor e os códigos de conduta que se estabelecem historicamente na cultura do torcer. O presidente do meu clube desfilou em uma escola de samba que homenageava o maior ídolo do arquirival. Foi muito criticado nas redes sociais e nos jornais. Escrevi que ele não poderia nunca ser presidente de um clube de futebol, pois não entendia o sentimento do torcedor. Romper com esses códigos de pertencimento é uma violência, é uma traição para aqueles que fizeram e fazem o futebol ser o que é, ainda. E mais, se tivermos uma grande crise financeira global, o que sobrá em termos de futebol? A paixão. O resto passará.

Elcio: Concordo plenamente com o Silvio. É difícil precisar os rumos que o futebol tomará nas próximas décadas. Entretanto, uma coisa é certa: enquanto fenômeno cultural, o futebol, assim como outras manifestações, não ficou alheio aos interesses econômicos. Isso se situa na própria natureza do capitalismo: feito uma Medusa, que tudo petrifica com seu olhar, o capitalismo petrifica as manifestações

culturais, tornando-as mercadorias. Hoje em dia, o futebol é mais uma mercadoria na prateleira do mercado global e o torcedor, como o Silvio bem apontou, é considerado cliente desprovido da paixão clubística. O futebol tem várias dimensões, e uma valorização do campo do esporte enquanto lazer pode ser uma saída. Além disso, eu ressaltaria o modo como se costuma olhar para o futebol no Brasil, a partir do eixo Rio-São Paulo. Essas transformações sensíveis que percebemos se dão nesse eixo, mas isso não significa que em outros centros brasileiros o quadro se estabeleça dessa forma. O Campeonato Paraense, o Campeonato Pernambucano, o Campeonato Cearense e outros tantos são muito valorizados pelos torcedores. Sempre houve um êxodo de jogadores dessas regiões para o Sul e Sudeste do país, e também, nas últimas décadas, para o exterior. Se falta verba para que os clubes custeiem elencos caros e disputem torneios nacionais e internacionais de ponta, sobra entusiasmo dos torcedores, que encaram o futebol também como lazer. Não é por acaso que equipes como Santa Cruz, Paysandu e Fortaleza possam levar mais torcedores aos estádios do que equipes da Serie A do Brasileirão. Claro que outros fatores influenciam nesse quadro, por exemplo, o preço dos ingressos. Mas é inegável que, em certas regiões do Brasil, há saídas muito interessantes para os impasses causados pela globalização do mercado desportivo e a consequente instrumentalização econômica de um bem cultural como o futebol. Só discordo

num aspecto do Silvio: eu não consigo acompanhar mais os campeonatos estaduais, pois há um descompasso entre a encenação e o nível técnico de tais competições. Na «sociedade do espetáculo», o futebol está menos «espetacular» em termos técnicos. Aliás, ontem, acompanhei alguns amistosos internacionais e o nível geral foi decepcionante. A Copa de 2014 promete ser de nível técnico baixíssimo.